



A experiência de estudantes sobre a atenção psicológica disponibilizada na universidade: um estudo fenomenológico

The experience of students about the psychological attention in the university: a phenomenological study

Grasiela Gomide de Souza

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Brasil

Resumo

Esta pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica buscou compreender e interpretar a experiência de universitários em relação ao atendimento psicológico disponibilizado pela instituição. Treze graduandos, entre 18 e 25 anos, de áreas do conhecimento variadas e que vivenciaram psicoterapia de tempo determinado e/ou grupo terapêutico participaram de encontros individuais de natureza dialógica. A análise, a partir da construção de narrativas sobre os encontros, num movimento fenomenológico de construção de sentido, evidenciou que os participantes: a) vivenciaram um encontro consigo mesmos e com outras pessoas, desvelando-lhes novos significados; b) perceberam o desencadeamento de um processo pessoal transformador; c) sentiram-se desafiados face a um atendimento breve, d) atribuíram a importância da atenção psicológica mais à descoberta de um novo modo de ser e relacionar-se do que ao aprofundamento de questões; e) consideraram necessária a atenção psicológica na universidade. Concluiu-se que a atenção psicológica no contexto universitário possibilita um processo de reestruturação pessoal.

Palavras-chave: atenção psicológica; narrativa; fenomenologia; experiência

Abstract

This article refers to a qualitative phenomenological work which aimed to understand and interpret the experience of undergraduate students concerning the psychological care provided by their institution. During the research, thirteen undergraduate students from different courses and between 18 and 25 years old, who had already experienced a time determined psychotherapy and/or group therapy, were interviewed. The data were analyzed based on the construction of narratives, in a phenomenological movement to reveal meaning. In the end, participants experienced the possibility of sharing psychological demands with different persons as something that allowed them to resignify experiences; and reported that a personal process of psychological change was unleashed although it could not be consolidated during the short therapeutic period. The importance of psychological care was related more to the discovery of a new way of being and relating than to the deepening of the issues. Psychological care was considered necessary in the university. As a conclusion, the importance of the psychological attention as a space that potentiates a significant personal reintegration process is highlighted.

Keywords: psychological attention; narrative; phenomenology; experience



1. Introdução

Desenvolveu-se uma pesquisa que buscou compreender e interpretar fenomenologicamente a experiência de estudantes universitários em relação à atenção psicológica recebida no contexto da própria universidade¹. Este estudo derivou dos questionamentos da pesquisadora ao ser desafiada a exercer profissionalmente a psicologia clínica em uma instituição de ensino superior. Interessou-se em conhecer como os clientes nesse contexto vivenciam a atenção psicológica a eles disponibilizada. Alguns pontos em especial a estimularam neste sentido: o risco de uma transposição acrítica da clínica tradicional ao contexto institucional, vinculando-se a uma concepção de subjetividade universal; a problematização sobre o tipo de enquadre clínico mais adequado às instituições; a formação do psicólogo para exercer sua prática profissional em contextos distintos do modelo de consultório particular; e a necessidade de que a psicologia clínica não se isole de outras áreas da psicologia. Tendo como pano de fundo esse campo teórico-reflexivo, a pesquisa buscou contribuir para a legitimação de novos enquadres de atenção psicológica clínica desenvolvidos em serviços de psicologia.

Esse artigo está organizado da seguinte maneira: inicialmente é apresentado o conceito de experiência a partir de pressupostos fenomenológicos. Em seguida, insere-se uma problematização acerca da atenção psicológica quando desenvolvida em instituições e esclarece-se a noção de prática psicológica clínica adotada neste estudo. Acrescenta-se uma breve explanação sobre o método de investigação e, ao final, são apresentados os resultados e as considerações finais.

O ponto central que norteou este estudo foi a busca pela experiência dos participantes acerca da atenção psicológica recebida a partir dos referenciais de uma psicologia de inspiração fenomenológica. Partiu-se, como proposto por Luczinski e Ancona-Lopez (2010), de uma aproximação crítica e cuidadosa entre a psicologia e a filosofia, pois são saberes distintos e os conceitos não devem ser justapostos.

Esta pesquisa, ao se desenvolver no campo da prática psicológica inspira-se na fenomenologia ao buscar uma compreensão acerca da experiência com base no mundo-da-vida, ou seja, liga-se a um conjunto de significações que surge para uma consciência antes de qualquer pensamento, teorização. A experiência é um ato da consciência, ou seja, ela diz respeito a um contato com o mundo pelas vias intencionais da subjetividade (Zilles, 2008). Fundamenta-se na indissociabilidade entre sujeito e objeto. Encontra-se em um nível mais profundo da experiência propriamente dita. Relaciona-se mais ao vivido do que ao aprendido. É uma experiência que acontece de forma imediata, anterior ao refletido. Ela é

¹ Esse artigo deriva da dissertação de mestrado de autoria da primeira autora sob orientação da segunda no Programa de Pós - graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Apoio: Capes



originária, pois a experiência em seu significado usual não é possível sem essa experiência que se liga ao vivido.

Amatuzzi (2008) traduz essa experiência como uma reação interior imediata a um acontecimento, antes mesmo do pensamento. Em suas palavras “o vivido² não é uma reação muscular, mas uma reação psicológica, mental, espiritual, antes de qualquer elaboração posterior com raciocínios” (p. 54). O autor ainda esclarece que a vivência está na raiz do sentimento e do pensamento, está em um plano da consciência em que não há distinção entre o sentir e o pensar, pois o sentir pode já ser elaborado. A vivência pode ser considerada como um sentimento, desde que tal denominação sirva como uma forma de distingui-la do pensamento elaborado.

E para compreender essa experiência torna-se necessário assumir a atitude fenomenológica, incorporando a *epoché* e a redução como caminhos para encontrar-se com a experiência vivida pelos participantes, suspendendo as construções teóricas já dadas, seus pressupostos e valores. Entretanto, a *epoché* e a redução não foram utilizadas em sua radicalidade, no sentido da purificação do sujeito. De um ponto de vista fenomenológico, compreender a experiência situada em um contexto histórico, cultural e social possui um sentido próprio. Representa em um primeiro momento suspender temporariamente (*epoché*) os elementos presentes em tal contexto, não para se cegar em relação a eles, mas para vê-los sob um novo olhar. É ser capaz de resgatar os elementos históricos, culturais e sociais na própria experiência e não partir de tais elementos para se chegar à experiência. Como afirmam Amatuzzi e Carpes (2010), “acredito que a redução, embora nos exclua o mundo inicialmente, recupera-o posteriormente como sentido. Mas não o mesmo mundo (...), e sim o mundo como realidade que faz sentido para mim” (p. 16).

Essa é a luz que a fenomenologia lança sobre a experiência que se constitui enquanto uma relação interior com o mundo, situando-se em um plano originário. Esta concepção restitui ao homem a sua centralidade, caso contrário, como afirmam Mahfoud e Massimi (2008), a naturalização da experiência elimina o sujeito, uma vez que só é possível atingir a experiência pelo sujeito que a constitui.

Partindo-se da intencionalidade, como conceito epistemológico norteador, não se buscou a experiência dos participantes em si mesma, mas à luz do olhar da pesquisadora, pois, caso contrário, seria anular totalmente a consciência intencional da própria pesquisadora. Nesse sentido, outro elemento importante do ponto de vista fenomenológico é a concepção de uma experiência que surge a partir de uma relação intersubjetiva, do entrelaçamento da subjetividade do pesquisado – que expressa a sua experiência vivida – com a subjetividade da pesquisadora – que se deixa tocar pela experiência do outro, apreendendo-a. Desse modo, não se trata da experiência reduzida a uma representação ou

2 Merleau-Ponty utiliza o termo *vécu* (vivido), que é o particípio passado do verbo *vivre* (viver), para referir-se à vivência, uma vez que no francês não existe uma palavra equivalente (Amatuzzi, 2007).



explicação; ao contrário, leva em consideração a experiência imediata do pesquisador que se dá através de um mergulho na experiência dos participantes da pesquisa. É uma concepção radicalmente fenomenológica, pois não apenas evidencia a centralidade da experiência vivida, como a constitui como uma experiência que emerge de uma intersubjetividade.

Diante dessa conceituação de experiência, evidencia-se o seu papel fundamental nas ciências humanas, principalmente na psicologia, pois as construções teóricas não podem sobressair-se à riqueza da vida humana. É a experiência vivida pelo homem que o constitui, que o mobiliza, que o leva a produzir, que o põe em contato com o mundo, antes de qualquer construção teórica. Evidente que o saber teórico possui a sua importância na vida humana, gerando mudanças, entretanto tais mudanças só podem ser concretizadas por um homem que, antes de pensar o mundo, o intenciona. Nas palavras de Lersch (1962), “la vida se amplia con la dimensión de la vivencia” (p. 17).

2. Atenção Psicológica em Instituições

Pensar em uma atenção psicológica, em contexto institucional, pressupõe uma problematização em relação à própria área da psicologia clínica, pois não é possível simplesmente levar o “consultório” para dentro da instituição e esquecer o entorno. É preciso refletir sobre a concepção de psicologia clínica adotada, o que implica discorrer inicialmente sobre a tradição da clínica psicológica, problematizar a prática psicológica em instituições e, finalmente, assumir os fundamentos de uma clínica contextualizada, que considera as experiências dos usuários.

Em relação à tradição da clínica psicológica, Lo Bianco, Bastos, Nunes e Silva (1994) e Figueiredo (1995) apontam, por caminhos distintos, em uma mesma direção: não é mais possível conceber a clínica fundamentada unicamente no lugar em que é desenvolvida, na clientela atendida, no tipo de intervenção oferecida ou em uma temática a ser trabalhada. Lo Bianco e outros (1994) contrapõem uma psicologia clínica “tradicional” com as tendências emergentes na clínica psicológica, em que o sujeito é tomado em relação ao seu contexto, não havendo mais espaço para uma visão de consciência que se isola em relação ao mundo. Nesse sentido, há uma maior aproximação entre a psicologia clínica e o contexto social.

A atuação do psicólogo em instituições tem sido alvo de constantes reflexões e críticas, e alguns pontos têm sido mais ressaltados pelos autores, como a transposição acrítica da clínica tradicional ao contexto institucional. Nesse caso, a clínica vincula-se a uma concepção de subjetividade universal e fechada, impedindo o desenvolvimento de uma escuta empática, afastando-se das experiências das pessoas a serem atendidas. Lima e Nunes (2006) ao buscarem compreender como atuam os psicólogos e quais significados atribuem às práticas psicológicas desenvolvidas nos serviços públicos de saúde em uma cidade da Bahia identificaram a dificuldade dos profissionais em escutarem um discurso muito diferente do



encontrado no consultório particular. Os profissionais tentam aproximar as expressões culturais de sofrimento trazidas pelos usuários a termos mais conhecidos; assim, “nervoso” (p. 307) é traduzido pelo profissional como depressão.

Outro ponto que se destaca nas reflexões sobre a atuação do psicólogo em instituições refere-se à problematização sobre o tipo de enquadre clínico escolhido para atuar em instituições, que não se resume à mudança no modelo de intervenção, ou seja, não se resolve com a problematização da pertinência ou não do uso da psicoterapia tradicional como enquadre clínico. Nascimento, Mazini e Bocco (2006) afirmam que o psicólogo tem buscado diferentes métodos e estratégias para tornar mais eficaz o seu exercício profissional, entretanto, é comum que tais inovações sejam reelaborações de procedimentos considerados ultrapassados, continuando, assim, a desconsiderar o contexto para além do indivíduo e gerando uma reprodução acrítica de procedimentos.

A própria formação do psicólogo para exercer sua prática profissional é outro ponto das discussões acerca da atenção psicológica em instituições. Dimenstein (2003), ao abordar as dificuldades do trabalho do psicólogo nas unidades básicas de saúde relaciona-os aos modelos teóricos e práticos que embasam a ação profissional, que em muitos casos continua legitimando teorias essencialistas e universalistas.

Diante da importância de se compreender o significado que a formação em contexto institucional tem para o próprio aluno, Sousa e Cury (2009) buscaram a vivência de estudantes do último ano do curso de psicologia, em relação às atividades de estágio na atenção básica em saúde pública, na cidade de Campinas/SP. Os autores constataram que inicialmente a experiência foi vivenciada com surpresa e estranhamento por quem esteve alheio a ela durante toda a graduação, gerando um sentimento de inadequação e desvalia. Entretanto, ao serem acolhidos pelos profissionais e usuários, os estagiários evidenciaram uma transformação de natureza pessoal e formativa que se manifestou como uma vivência de pertencimento. E tal vivência os levou à autonomia e responsabilidade na condução das ações que se dirigem a uma prática clínica em que o indivíduo passa a ser considerado a partir de sua singularidade.

A psicologia apresentada aos graduandos ainda é uma psicologia fragmentada por áreas incomunicáveis, o que é evidenciado por Schmidt (2004), sobre a visão “estratigráfica”³ da psicologia (p. 2), tanto em relação a outras disciplinas quanto em relação a si mesma. É preciso que a psicologia clínica se aproxime de outras áreas da psicologia, não para tomar a especificidade de tais áreas, pois isso não faria sentido, mas para desenvolver uma prática mais condizente com a multiplicidade de fatores que afetam o homem e que não pode ser compartimentada em áreas. Cambuy (2010) em seu estudo sobre vivências comunitárias de

3 A autora utiliza a expressão “estratigráfica” a partir do artigo *O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem*, de Clifford Geertz (1989). A expressão refere-se a uma visão do homem composto de camadas hierarquicamente sobrepostas, completas e irredutíveis. Sendo que cada camada é o objeto de uma disciplina acadêmica independente em sua especificidade.



psicólogos clínicos identificou que a ampliação da clínica, para os profissionais, não se dá pela mudança do lugar, do consultório para a comunidade, mas principalmente pela mudança do olhar perante o sofrimento humano. O olhar não é para a doença, mas para o desejo da pessoa em realizar algo.

O presente estudo compreende a atenção psicológica em instituições como uma intervenção clínica socialmente contextualizada, caracterizada por atitudes de empatia e aceitação incondicional e congruência por parte do psicólogo, que constituíam espaço de escuta singularizada a partir da demanda expressa pelos clientes e que se desenvolve por meio de um encontro intersubjetivo. Conforme afirma Aiello Vaisberg (2001), a clínica é encontro; não um encontro entre um psicólogo e uma “psique”, mas um “encontro entre humanos” (p. 96), entre um psicólogo e uma pessoa que vive sob determinadas condições; um encontro que se dá no mundo. Pensar a clínica como um encontro contextualizado, não é apenas considerar os elementos sociais e culturais que atravessam as pessoas, mas é, principalmente, assumir um posicionamento ético e implicado diante do ser humano e da sua realidade. Como afirmam Sato e Schmidt (2004), social refere-se a uma clínica que não se restringe à psicoterapia, individual ou de grupo, mas que busca criar diversos e singulares modos de atenção psicológica.

Nesse sentido, este estudo compreende que a atenção psicológica em instituições deve desenvolver-se com base na implementação de enquadres clínicos diferenciados, como alternativas criativas aos modelos tradicionais de tratamento psicológico. São novos modelos de ação psicológica, condizentes com o contexto em que serão desenvolvidos, buscando pertinência e significação para uma dada população imersa em uma teia institucional. São enquadres sustentados em encontros, estabelecidos a partir de uma relação intersubjetiva, em que psicólogo e cliente encontram-se em um nível subjetivo.

3. Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica, isto é, tem como referência para análise a redução fenomenológica. A definição de uma investigação qualitativa não se caracteriza instrumentalmente, mas sim epistemologicamente, apoiada no processo de construção do conhecimento. Ela se define pela inclusão da subjetividade, tanto do pesquisador quanto dos participantes, no próprio ato de pesquisar e por uma visão abrangente do fenômeno pesquisado (Holanda, 2006).

3.1. Contexto onde a pesquisa foi desenvolvida

A universidade na qual se insere o serviço de atenção psicológica, foco desta pesquisa, é uma instituição federal, com sede em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais e



mais dois *campi* em outras duas cidades do estado. A instituição possuía no segundo semestre de 2010 um corpo de 2.236 servidores técnico – administrativos; 1.042 docentes; 10.301 alunos de graduação; 3.845 alunos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* e 480 alunos no ensino médio.

A universidade possui tradição em oferecer assistência estudantil aos estudantes. O serviço de atendimento psicológico é um dos setores da instituição ligado à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, órgão que tem como missão promover a qualidade de vida da comunidade universitária. O serviço em pauta é responsável por promover atenção psicossocial à comunidade universitária, sendo formado por profissionais da psicologia, serviço social e psiquiatria.

O serviço iniciou as suas atividades em 1993, sendo oficialmente criado em 1995. Surgiu por iniciativa de alguns profissionais da psicologia, do serviço social e da medicina que atuavam na universidade e que identificaram a necessidade de se integrar ações, considerando o insuficiente número de profissionais voltados à atenção psicossocial do estudante. Sua criação teve por objetivo representar uma nova proposta de atenção à comunidade universitária do ponto de vista psicossocial.

As ações oferecidas destinam-se, exclusivamente, à comunidade universitária, compreendida por: estudantes regularmente matriculados, servidores (técnico-administrativos e docentes) e seus dependentes.

Serão destacadas apenas as ações da psicologia, já que a pesquisa buscou um recorte da atenção psicológica oferecida pelo serviço. Destaca-se a psicoterapia por tempo determinado, que tem como foco a crise vivida pelo cliente, buscando uma reorganização integradora. Os casos indicados para esse tipo de modalidade são de pessoas que estejam passando por um momento de crise, no sentido de uma desestabilização momentânea e não que apresentem o predomínio de uma perturbação psicológica ou de um quadro psicopatológico definido. O acompanhamento dura em média de dois a três meses. Em relação à abordagem psicoterapêutica utilizada, não há uma homogeneidade, cada profissional atua segundo sua formação.

Outro tipo de ação realizada pelo setor são as atividades grupais. Em 2009, foram desenvolvidos três grupos terapêuticos. Cada grupo continha, em média, doze estudantes e estendia-se por treze encontros. O objetivo era desenvolver habilidades pessoais e interpessoais que facilitassem a convivência em grupo e o amadurecimento para a vida. O trabalho buscava desenvolver nos participantes a autopercepção e a percepção do outro; a responsabilidade; a autoestima; a habilidade de comunicação em dar e receber *feedback*; a habilidade para participar; habilidade de lidar adequadamente com conflitos e a capacidade de lidar com mudanças.

O caráter do grupo era vivencial. Inicialmente, fazia-se um “jornal”, em que os participantes explicitavam os acontecimentos pessoais ocorridos durante a semana, e depois



ocorria o desenvolvimento de alguma dinâmica que buscasse sensibilizar o grupo para o tema em evidência, favorecendo um espaço para o surgimento da vivência. O foco era sempre *o aqui e agora*, era como o grupo vivenciava e lidava com determinada questão. Após a reflexão sobre os acontecimentos da vivência grupal, os psicólogos favoreciam para que os participantes extrapolassem o que fora vivido no grupo para a vida fora do grupo, processo denominado de Ciclo de Aprendizagem Vivencial – CAV.

3.2. Participantes

Foram participantes da pesquisa treze estudantes universitários da graduação, que receberam atenção psicológica por meio de psicoterapia de tempo determinado e/ou de grupo terapêutico, durante o ano de 2009.

A seleção dos participantes levou em consideração a diversidade de características dos estudantes que compõem o contexto universitário. Dos treze universitários entrevistados, oito são do gênero feminino e cinco do masculino. Cinco estudantes residem no alojamento da universidade e oito residem em outros locais. Em relação às áreas do conhecimento, cinco são da área de ciências biológicas e da saúde; três cursam ciências exatas e tecnológicas; três ciências humanas, letras e artes e dois cursam ciências agrárias. Quanto à atenção psicológica recebida, três passaram apenas pelo grupo terapêutico, sete apenas pela psicoterapia de tempo determinado e três receberam as duas modalidades de atenção psicológica, em momentos distintos.

O número de participantes, treze, foi definido por meio do critério de saturação: a pesquisadora realizou tantas entrevistas quantas se fizeram necessárias para contemplar a diversidade de experiências vividas pelos estudantes. Foi realizado um encontro com cada participante. Assim, após redigir uma narrativa depois de cada um dos encontros com estudantes de ambos os gêneros, provenientes de cursos de graduação das várias áreas do conhecimento, moradores e não moradores do alojamento e que passaram pelo grupo terapêutico e/ou pela psicoterapia de tempo determinado, a pesquisadora decidiu encerrar as entrevistas quando o conteúdo passou a ser repetitivo, não acrescentando nada de novo em relação às entrevistas já realizadas.

3.3. Procedimentos

Após a aprovação do projeto de pesquisa por um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos devidamente credenciado, a pesquisadora o apresentou à chefe da Divisão, obtendo autorização para a realização da pesquisa. Posteriormente, buscou nas Fichas de Identificação do Usuário – preenchidas pelos próprios estudantes com os seus dados pessoais no primeiro dia em que são atendidos – alunos que receberam atendimento



psicológico durante o ano de 2009, com idades entre 18 e 25 anos e que passaram pelo menos por uma das duas modalidades de atenção psicológica, psicoterapia de tempo determinado e grupo terapêutico. De posse dessas fichas, a pesquisadora as separou por gênero, formando, assim, dois grandes grupos. Para cada grupo, novas divisões foram criadas tendo como referência estudantes moradores e não moradores do alojamento universitário, as modalidades de atenção psicológica recebida e as áreas do conhecimento em que se inserem os cursos de graduação da universidade.

Concluído esse procedimento, a pesquisadora entrou em contato, por telefone, com os estudantes, informando-os sobre os objetivos do estudo e consultando-os sobre a disponibilidade em participar da pesquisa. Eles também foram esclarecidos de que a participação seria voluntária e de que seus dados pessoais seriam omitidos. Nesse mesmo contato, era agendado um horário para o encontro com aqueles que demonstravam interesse e disponibilidade em participar.

3.4. Entrevista

Utilizou-se a entrevista não diretiva ativa. Segundo Mucchielli (1991), esse tipo de entrevista foca-se na expressão livre do entrevistado sobre determinado assunto e não em sua reação a perguntas precisas. Para tanto, o pesquisador parte de uma pergunta inicial de caráter geral que estimula o participante a expressar-se livremente sobre o tema. No caso desta pesquisa, a entrevista iniciava-se com a seguinte proposta por parte da pesquisadora: “Gostaria que você me contasse sobre a sua experiência de atendimento psicológico na Divisão”.

A não diretividade desse tipo de entrevista reside no fato de que o entrevistador intervém não sobre o conteúdo do que lhe é dito, mas sobre a organização desse conteúdo, sem impor nada ao entrevistado. E a característica ativa dessa entrevista relaciona-se a um papel “ativo” do pesquisador, no sentido de que, além de compreender o conteúdo, ele relaciona essa compreensão com o objeto da pesquisa e com sua própria experiência imediata, à medida que esta vai sendo estimulada num encontro dialógico com o participante. Nesse sentido, o uso do gravador é desaconselhado, uma vez que tal uso pode ser um pretexto para afastar o entrevistado da busca por uma compreensão no momento presente da entrevista (Mucchielli, 1991).

3.5. Análise de narrativas

O estudo utilizou a narrativa como forma de descrição, compreensão e interpretação da experiência vivida pelos participantes à luz da experiência da própria pesquisadora. Inspirou-se na concepção de narrativa desenvolvida pelo crítico literário e filósofo alemão



Walter Benjamin (1936/1985).

Para Benjamin (1936/1985), a narrativa seria a forma de comunicação mais apropriada, pois está mais próxima da experiência humana. O que o narrador conta é retirado da experiência, seja da sua própria ou a relatada por outros; e o que é narrado é incorporado à experiência dos ouvintes. Nas palavras de Benjamin (1936/1985): “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (p. 205).

Em contrapartida, Benjamin não tinha a intenção de tornar a narrativa um instrumento de pesquisa, mas sim de resgatá-la como uma forma de comunicação capaz de explicitar a experiência das pessoas. Nesse sentido, este estudo adotou a concepção de Benjamin sobre a narrativa como uma estratégia de pesquisa por compreender que tal concepção é coerente com os pressupostos epistemológicos da pesquisa. Uma vez que, segundo Cury (2008), trata-se de uma concepção de narrativa que respeita a pluralidade de sentidos presente na experiência, permitindo uma compreensão abrangente das vivências dos participantes e uma abertura ao movimento dos significados.

Dutra (2002) elege a narrativa como uma técnica metodológica apropriada às pesquisas de pressupostos fenomenológicos e existenciais, pois “a narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida” (p. 373).

Após cada entrevista, a pesquisadora fez um registro escrito sobre o encontro. Trata-se de um texto descritivo, que transcreve o desenrolar do diálogo durante cada entrevista. Posteriormente, a pesquisadora redigiu um novo texto, agora não mais se atendo à cronologia do diálogo, mas sim buscando narrar o vivido dos participantes em um nível mais compreensivo. Ao final de cada narrativa, era acrescentada uma síntese dos elementos mais significativos da experiência por cada participante. Trata-se da reflexão da pesquisadora perante a experiência vivida que emergiu dos encontros com os universitários. Finalmente, a terceira versão da narrativa buscou preservar os aspectos descritivos e compreensivos das narrativas anteriores, mas também penetrar em um nível mais interpretativo da experiência. A partir das sínteses individuais, foi construída uma síntese global, referente aos significados comuns que emergiram da experiência vivida pelos participantes da pesquisa em relação à atenção psicológica recebida. Desse modo, a construção das narrativas possibilitou um aprofundamento cada vez maior na compreensão dos significados da experiência, aproximando-se, assim, dos seus elementos essenciais com base em uma relação dialógica entre participantes e pesquisadora.



4. Resultados e Discussão

Os elementos da experiência, que emergiram do encontro entre a pesquisadora e os estudantes que participaram da pesquisa, revelaram alguns significados: (1) - a apropriação dos estudantes em relação a atenção psicológica recebida; (2) - a ressignificação da experiência de ser um estudante universitário; (3) - a relação com o *outro*; (4) - o desencadeamento de um processo pessoal potencializador de mudança psicológica; (5) - a experiência em relação à limitação temporal da atenção psicológica recebida; (6) - a experiência dos próprios profissionais em relação à atenção psicológica que oferecem; (7) - a importância atribuída ao atendimento psicológico.

Os estudantes apropriaram-se do atendimento psicológico oferecido pela instituição universitária trazendo os problemas vividos em diversas esferas da vida. Vivenciaram um espaço que, apesar de inserir-se no contexto universitário, não se restringiu a abordar questões advindas exclusivamente de tal contexto, sendo apreendido como possibilidade de abertura à totalidade do humano. Esse elemento encontra eco nos resultados de outras pesquisas. Oliveira, Dantas, Azevedo e Bonzato (2008), Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), Peres, Santos e Coelho (2004) identificaram uma diversidade de queixas que levam os estudantes a procurarem atendimento psicológico em serviços universitários.

A compreensão de que a atenção psicológica em contexto universitário não se limita a ter como foco questões diretamente vinculadas a esse contexto converge historicamente com a visão que se tinha a respeito da saúde mental do estudante nos Estados Unidos, no início do século XX. É nesse momento e contexto, sob influência do movimento de higiene mental, que começa um reconhecimento de que os universitários se encontram em uma fase da vida vulnerável, do ponto de vista psicológico, e de que é responsabilidade da universidade proporcionar-lhes alguma forma de ajuda especializada (Loreto, 1985). Desde então, firma-se a ideia de que o importante é o desenvolvimento integral do estudante e não apenas o mero treinamento do seu intelecto (Loreto, 1958).

Embora os participantes tenham buscado atendimento psicológico com questões diversas, não restritas ao meio universitário, a atenção psicológica recebida possibilitou a ressignificação de outro tipo de experiência: a de ser um estudante universitário, imerso em uma instituição de ensino na qual as relações interpessoais são por vezes percebidas como ameaçadoras, quer seja pela via da cobrança acadêmica, quer seja pela via da competição entre pares. Não é comum para os estudantes encontrarem no contexto universitário o que puderam vivenciar durante os atendimentos psicológicos: um espaço facilitador para a emergência da expressão e do desenvolvimento de sua singularidade humana enquanto tal. Esta dimensão foi compreendida por eles como uma experiência significativa vivida no contexto universitário. Luciana, uma das participantes, enfatizou que a partir do



atendimento psicológico passou a não mais “engolir” (*sic*) as suas insatisfações em relação à instituição e começou a atuar nesse contexto, como na situação em que pôde expor ao professor alguns pontos da disciplina com os quais não concordava, abrindo um espaço de discussão para os demais estudantes da turma. Assim, a experiência de atenção psicológica significada por ela assemelha-se ao que Andrade e Morato (2004) denominam de espaços para a subjetividade na instituição, que seriam espaços para a manifestação da singularidade, para a alteridade e para a diferença. As autoras alertam sobre os riscos da ausência desses espaços.

Essa redução cada vez maior de espaços para a subjetividade e modos de subjetivação atrofiados, implica também reduzir possibilidades de reflexão acerca do agir social, gerando uma vinculação perversa aos grupos sociais, na medida em que promovem a assimilação direta, pelo indivíduo, dos modos de ser dos grupos sociais a que pertence (Andrade & Morato, 2004, p. 348).

Desse modo, a experiência dos participantes acerca da atenção psicológica recebida revelou que a atenção psicológica em contexto institucional não está dissociada da experiência de ser mais um sujeito imerso em uma instituição de ensino superior, podendo ser um espaço revelador da própria instituição.

Nesse sentido, evidencia-se a importância de se conceber a atenção psicológica para além do atendimento, articulando-a ao contexto histórico - cultural em que está inserida, como fomentado na Primeira Conferência Internacional sobre Saúde Mental Estudantil, em Princeton, em 1956. Um ponto enfatizado era que não bastava apenas proporcionar assistência psiquiátrica e psicológica aos estudantes, mas, principalmente, desenvolver na universidade fatores que pudessem favorecer o desenvolvimento acadêmico e humano do estudante, ou seja, o programa de saúde mental deveria articular-se com os processos educativos da instituição (Loreto, 1985).

Outro elemento que emergiu da experiência vivida pelos participantes foi o contato com o *outro*, seja por meio da relação psicoterapêutica ou pelos demais membros do grupo. Trata-se da experiência de uma relação interpessoal em que se sentiram aceitos e respeitados enquanto sujeitos de sua própria existência, levando-os a mobilizar afetos após a repercussão que as outras pessoas passaram a exercer sobre seus próprios sentimentos. Segundo Giovanetti (1993), encontro se dá quando uma pessoa se abre à experiência da outra, favorecendo o seu crescimento; é uma relação intersubjetiva em que a troca de experiências entre as pessoas provoca um movimento na existência do outro. Nesse sentido, o modo de estar com o outro, apontado pelos participantes, indica que a relação vivida aconteceu na forma de um encontro.

A partir do encontro com alguém que se abre ao que há de mais íntimo no outro, os participantes descobriram novas maneiras de viver as questões que os levaram a buscar o



atendimento psicológico. Esse elemento apresenta semelhanças com a descrição de AmatuZZi (2008), sobre o processo pessoal que caracteriza a psicoterapia. O autor denomina esse processo como de um movimento interno ligado à exploração das próprias vivências, levando a um modo diferente de abordar o mesmo problema, a relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A pessoa entra em contato consigo mesma, com o seu centro pessoal e passa a questionar as estruturas internas que orientam o seu modo de viver. O autor esclarece que o centro pessoal é o lugar em que nascem os sentimentos, pensamentos e decisões; é o próprio mundo vivido.

Neste sentido, a atenção psicológica recebida no contexto de uma instituição universitária possibilitou aos estudantes vivenciarem algo novo que aponta para o desencadeamento de um processo pessoal potencializador de mudança psicológica. Os participantes evidenciaram um movimento em relação aos problemas que se assemelha à compreensão de Rogers (1987) sobre mudança psicológica.

Comecei a compreender que os indivíduos não se movem a partir de um ponto fixo ou homeostático para um novo ponto fixo, embora um processo desse gênero seja possível. Mas o contínuo mais significativo é o que vai da fixidez para a mudança, da estrutura rígida para o fluxo, de um estado de estabilidade para uma realidade processual (Rogers, 1987, p. 113).

Esse elemento também foi encontrado por Perches (2009) que buscou evidenciar como um processo psicológico é desencadeado no cliente, tomando-se por base o plantão psicológico oferecido aos funcionários de um hospital geral. Tanto o presente estudo quanto o estudo de Perches (2009) evidenciaram que é possível em uma atenção psicológica clínica favorecer o início de um processo psicológico de mudança.

Elemento que dialoga com o que Lucas (1976) destaca a respeito da Primeira Conferência Internacional sobre Saúde Mental Estudantil. Sob a presidência de Erik Erikson, a mudança do foco de interesse, passou da mera descrição dos sintomas característicos dos distúrbios psiquiátricos para uma preocupação com os processos psicológicos.

Para os participantes deste estudo, esse processo pessoal de mudança foi vivido em um tempo considerado limitado tanto para abordar ou aprofundar determinadas questões, quanto para consolidar o crescimento alcançado, gerando uma insegurança em relação à permanência do que foi despertado a partir da experiência vivida. A limitação do tempo da atenção psicológica gerou a necessidade de consolidar e dar continuidade às descobertas pessoais, não mais por meio de uma relação específica com outra(s) pessoa(s) no contexto do atendimento psicológico, mas com seus próprios recursos, gerando insegurança e preocupação quanto à permanência e amplitude do processo pessoal. A vivência do tempo como limitado refere-se à finitude de um encontro possibilitador de mudanças e não a um impeditivo para que eles se abrissem a um processo psicológico de desenvolvimento. Os participantes não experienciaram nenhum tipo de retrocesso quanto ao processo psicológico



iniciado; eles apenas gostariam de ampliar a exploração desse processo ou sentem-se inseguros quanto à sua permanência futura. Assim, o atendimento psicológico surge como um espaço em que os participantes vivenciaram o início de um processo transformador, mas não a sua consolidação.

A experiência de algo restritivo relacionada ao tempo de atendimento suscita alguns questionamentos: a atenção psicológica disponibilizada em instituições evidencia de maneira mais nítida a angústia inerente à abertura a um processo pessoal transformador? Seria possível repensar a atenção psicológica disponibilizada com base em propostas de enquadres diferenciados que, além de possibilitar aos clientes o desencadeamento de um processo de mobilização psicológica, possibilitassem também uma vivência exploratória mais abrangente? A experiência dos participantes da pesquisa que emergiu como uma limitação da atenção psicológica recebida em uma instituição universitária estimula a necessidade de novos estudos que possam aprofundar a experiência dos clientes de outros serviços de atenção psicológica, com enquadres clínicos semelhante ao deste estudo, para possibilitar uma reflexão sobre seu alcance como tal e sobre os riscos de que fatores iatrogênicos possam resultar deles.

Em contrapartida, a experiência dos estudantes iluminou a experiência dos próprios profissionais em relação à atenção psicológica que oferecem. A esse respeito, a vivência da duração do atendimento como tendo sido limitada para alguns dos participantes, de certo modo, apoia-se na maneira como os próprios profissionais a compreendem. Os estudantes, ao referirem-se à limitação temporal do atendimento, também explicitavam a explicação recebida do psicólogo de que o motivo para a brevidade do atendimento derivava da grande demanda por acompanhamento psicológico que ocorre no contexto institucional, fato que impossibilitava um atendimento psicológico nos moldes de uma psicoterapia tradicional. Essa manifestação do profissional logo no início do atendimento levou os clientes a uma experiência até certo ponto ambivalente: ao mesmo tempo em que compreenderam como uma forma de cuidado sincero para com eles, também concluíram que iriam receber um arremedo de atendimento psicológico. Pedro, ao ouvir em seu primeiro contato com o profissional que o número de sessões seria limitado e que em uma clínica particular ele teria mais atenção, sentiu que esse contato, em suas palavras, “barrou” sua motivação para iniciar o acompanhamento psicológico.

A experiência dos participantes revela que os próprios profissionais responsáveis pelo atendimento psicológico sentem-se incomodados ou apreensivos em relação à duração da atenção psicológica, revelando que para eles um enquadre clínico diferenciado ainda é percebido como uma espécie de rearranjo do que seria o ideal de um atendimento psicológico. Fernandes (2005) encontrou algo muito semelhante em seu estudo sobre a experiência de estudantes de psicologia que estagiavam como plantonistas em uma clínica-escola universitária. Essa pesquisadora identificou que, para os plantonistas, o atendimento



era visto como uma espécie de pré-terapia, durante a qual poderiam apenas elucidar a queixa do cliente e fazer o encaminhamento adequado, não sendo, portanto, suficiente para dar conta da demanda emocional emergente.

Essa questão vai ao encontro de algo já apresentado: dificuldade do psicólogo em realmente se abrir a novas formas de trabalho clínico em instituições, algo que parece remeter à sua própria formação profissional que acaba por engessar a psicologia clínica nos modelos tradicionais de psicoterapia de tempo indeterminado. Em contrapartida, a situação surge como paradoxal, pois, embora a psicoterapia tradicional ainda continue sendo muito utilizada por psicólogos em instituições, é muito comum um posicionamento recorrente sobre a sua ineficácia nestes contextos. Assim, não é só o cliente que mantém expectativas contrárias a novas possibilidades, mas sim o psicólogo que se apega a uma prática construída e consolidada nos consultórios como a única forma possível de se prestar um atendimento psicológico de qualidade. Os enquadres diferenciados são vividos, então, como um rearranjo necessário e não como uma forma criativa de inserção do atendimento psicológico em contextos institucionais.

Apesar do tempo de atendimento ter sido um elemento que emergiu da experiência dos participantes como negativo, não se configurou como determinante para diminuir a importância da atenção psicológica recebida. Pelo contrário, a importância que os estudantes atribuíram ao atendimento psicológico está mais relacionada à descoberta de um novo modo de ser e de viver e ao contato com o outro, seja na figura do psicólogo ou do colega do grupo, do que à abrangência ou ao aprofundamento de determinadas questões, caso houvesse um período maior de atendimento. Isso se torna explícito, por exemplo, na experiência de Amanda, pois a sua compreensão da existência da Divisão como indispensável está mais relacionada a fatores que se tornaram presentes ao longo da relação psicoterapêutica e não da dificuldade para aprofundar outras questões que gostaria de abordar em um processo psicológico mais longo.

Concluindo, a experiência dos estudantes evidenciou que a atenção psicológica constituída como um enquadre clínico diferenciado, recebida no contexto da instituição universitária, distingue-se como uma prática potencializadora de um processo de mudança psicológica que abre um espaço para o não instituído. Apesar de terem demonstrado preocupação com a continuidade do processo de desenvolvimento pessoal, em face da duração limitada do atendimento psicológico recebido, o que prevalece e configura importância à experiência vivida por eles é a abertura a um novo modo de ser e de viver a partir do encontro com um outro que lhe espelha a dor e outros sentimentos, com uma postura de empatia e aceitação incondicional. Assim, foi possível apreender que a atenção psicológica disponibilizada no contexto universitário constitui-se como uma prática autêntica de valorização e mobilização do potencial humano em direção ao crescimento e à maturidade.



5. Considerações finais

A narrativa mostrou-se propícia para desvelar a experiência vivida desdobrada em significados. Não se resumiu a uma simples forma de registro acerca do encontro entre a pesquisadora e os participantes; foi além, no intuito de possibilitar o surgimento de uma nova experiência no terreno intersubjetivo e possibilitou que novos significados emergissem a cada narrativa construída. Constituiu-se em uma estratégia de pesquisa muito coerente com a postura fenomenológica da pesquisadora, fundamentada na indissociabilidade entre sujeito e objeto, em que a experiência do participante ao ser mobilizada gera um impacto no pesquisador, tornando-o não um cúmplice, mas um novo protagonista em uma pesquisa intervenção (Szymanski & Cury, 2004). Acima de tudo, esta pesquisa foi guiada pelo surgimento de significados fluidos e abertos e não pela busca por constatações acerca de verdades absolutas e imutáveis.

Os significados que emergiram da experiência dos participantes da pesquisa entrelaçada à experiência da pesquisadora no momento da entrevista apontam para possibilidades e limites da atenção psicológica inserida em uma instituição de ensino superior. O atendimento psicológico constituiu-se como um espaço possível para o encontro com o humano e com o inter-humano, como possibilidade de ressignificação do próprio contexto universitário e facilitador do desencadeamento de um processo psicológico de crescimento. Por outro lado, também se constituiu em um espaço em que não foi possível vivenciar a consolidação e uma maior exploração do processo psicológico iniciado, gerando insegurança quanto à permanência da mudança alcançada. Diante da dialética entre possibilidades e limites, o que prevaleceu foi uma síntese que apontou para a atenção psicológica no contexto universitário como algo de extrema relevância ao oferecer espaço apropriado para o desencadear de um processo de valorização da experiência humana, fortalecendo-a perante a engrenagem institucional que caminha ao sabor de metas alheias às necessidades psicológicas individuais.

Espera-se que os resultados desse estudo possam contribuir para o desenvolvimento da atenção psicológica em contextos institucionais, ao desenhar o contorno de tal atenção, legitimando a sua importância e apontando suas limitações, a partir dos elementos que emergiram da experiência dos participantes. Um estudo fenomenológico não busca alcançar generalizações, entretanto, ao aprofundar a reflexão sobre o fenômeno a partir da experiência daqueles que dele participaram, pode beneficiar a estruturação e o desenvolvimento de outros serviços de atenção psicológica, especialmente aqueles inseridos em instituições de ensino superior.

Ao fechar das cortinas, abre-se aqui um diálogo sobre possibilidades de um fazer clínico em universidades que pode estimular novas propostas de grande importância social, uma vez que trata-se do cuidar e da atenção dirigida a uma comunidade de pessoas com



grande potencial para transformar a sociedade e a cultura.

Referências

- Aiello Vaisberg, T. M. J. (2001). A função social da psicologia clínica na contemporaneidade. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 3(1), 93-99.
- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana* (2a ed.). Campinas, SP: Alínea.
- Amatuzzi, M. M. & Carpes, M. (2010). Aspectos fenomenológicos do pensamento de Rogers. *Memorandum*, 19, 11-25. Recuperado em 15 de fevereiro, 2015, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a19/amatuzzicarpes01
- Andrade, A. N. & Morato, H. T. P. (2004). Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. *Estudos de Psicologia*, 9, 345-353.
- Benjamin, W. (1985). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em W. Benjamin (Org.). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 197-221). (S. P. Rouanet, Trad.). São Paulo, SP: Brasiliense. (Original publicado em 1936).
- Cambuy, K. (2010). *Experiências comunitárias em saúde mental: repensando a clínica psicológica no SUS*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Cerchiari, E. A. N., Caetano, D. & Faccenda, O. (2005). Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25, 252-265.
- Cury, V. E. (2008). *Práticas psicológicas clínicas em Instituições: um estudo sobre a narrativa como estratégia de pesquisa* (relatório técnico). Campinas, SP: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Dimenstein, M. (2003). Los (des) caminos de la formación profesional del psicólogo en Brasil para la actuación en la salud pública. *Revista Panamericana de Saúde Pública*, 13(5), 341-345.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7, 371- 378.
- Fernandes, D. L. (2005). *Plantão psicológico em clínica escola: análise de vivências de plantonistas*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Figueiredo, L. C. M. (1995). Quem é o psicólogo clínico. Em L. C. M. Figueiredo (Org.). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos* (pp.35-40). Petrópolis, RJ: Vozes.



- Giovanetti, J. P. (1993). O encontro na perspectiva terapêutica existencial. *Cadernos de Psicologia*, 1, 31-34.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise psicológica*, 24, 363-372.
- Lersch, P. (1962). *La estructura de la personalidad*. Barcelona, Espanha: Scientia.
- Lima, M. & Nunes, M. O. (2006). Práticas psicológicas e dimensões de significações dos problemas de saúde mental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 294-311.
- Lo Bianco, A. C., Bastos, A. V. B., Nunes, M. L. T. & Silva, R. C. (1994). Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica: implicações para a formação. Em R. Achar (Org.). *Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação* (2a ed., pp. 7-76). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Loreto, G. (1958). Sobre problemas de higiene mental dos universitários. *Neurobiologia*, 21, 274-283.
- Luczinski, G. & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. *Estudos de Psicologia*, 27, 75-82.
- Loreto, G. (1985). *Uma experiência de assistência psicológica e psiquiátrica a estudantes universitários*. Tese de concurso para professor titular, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.
- Lucas, C. J. (1976). Psychological problems of students. *British Medical Journal*, 2, 1431-1433.
- Mahfoud, M. & Massimi, M. (2008). A pessoa como sujeito da experiência: contribuições da fenomenologia. *Memorandum*, 14, 52-61. Recuperado em 15 de fevereiro, 2015, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a14/mahfoudmassimi02.pdf
- Mucchielli, A. (1991). *Les méthodes qualitatives*. Paris: PUF.
- Nascimento, M. L., Mazini, J. M. & Bocco, F. (2006). Reinventando as práticas psi. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 15-20.
- Oliveira, M. L. C., Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S. & Banzato, C. E. M. (2008). Counseling Brazilian undergraduate students: 17 years of a campus mental health service. *Journal of American College Health*, 57, 367- 372.
- Perches, T. H. P. (2009). *Plantão psicológico: o processo de mudança psicológica sob a perspectiva da psicologia humanista*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Peres, S. R., Santos, M. A. & Coelho, H. M. B. (2004). Perfil da clientela de um programa de pronto-atendimento psicológico a estudantes universitários. *Psicologia em Estudo*, 9, 47-54.



- Rogers, C. R. (1987). A psicoterapia considerada como um processo. Em C. R. Rogers. *Tornar-se pessoa* (2a ed., pp. 107-139). (M. J. C. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1961).
- Sato, L. & Schmidt, M. L. S. (2004). Psicologia do trabalho e psicologia clínica: um ensaio de articulação focalizando o desemprego. *Estudos de Psicologia*, 9, 365-371.
- Schmidt, M. L. S. (2004). Clínica psicológica, trabalho e desemprego: considerações teóricas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 7, 1-10.
- Sousa, V. D. & Cury, V. E. (2009). Psicologia e atenção básica: vivências de estagiários na estratégia de saúde da família. *Cadernos & Saúde Coletiva*, 14 (Supl. 1), 1429-1438.
- Szymanski, H. & Cury, V. E. (2004). A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia*, 9, 355-364.
- Zilles, U. (2008). A fenomenologia husserliana como método radical. Em E. Husserl (2008). *A crise da humanidade européia e a filosofia* (3a ed., pp. 11-57). (U. Zilles, Introd. e Trad.). Porto Alegre: Edipucrs.

Nota sobre as autoras

Grasiela Gomide de Souza. Psicóloga da Universidade Federal de Viçosa/MG. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/ Brasil. E-mail: gragomide@yahoo.com.br

Vera Engler Cury. Professora Titular da Faculdade de Psicologia e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/ Brasil. E-mail: vency2985@gmail.com

Data de recebimento: 16/01/2014

Data de aceite: 20/03/2015